

**TAYLOR SWIFT E A CRÍTICA GENÉTICA:
DESCORTINANDO OS BASTIDORES DA CRIAÇÃO
PARA OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.**

Rogério Nascimento Bortolin (UEL)
rogeriobortolin@hotmail.com

RESUMO

Todo texto não nasce pronto, tampouco é fruto de um único momento de inspiração. Ele é resultado de muito trabalho, lapidação e de idas e vindas. Demonstrar esse processo para os alunos é um fator importante no processo de ensino e aprendizagem, pois, além de ressaltar que produzir texto significa caminhar por várias etapas até se chegar na versão tida como final, desmistifica a imagem de texto como produto, resultado de inspiração e inerente a poucos habilidosos na arte da escrita. Os aparatos metodológicos da Crítica Genética são ferramentas que contribuem para tal elucidação e, neste trabalho, foram associados ao universo da música para demonstrar o processo de criação. Busca-se, portanto, mostrar para os alunos da 1ª série do Ensino Médio os bastidores da composição de uma música da cantora estadunidense Taylor Swift, em uma aula inicial de produção de texto, com intuito de desvelar as etapas de produção, descortinando assim os mitos que envolvem a produção textual. O trabalho está apoiado nos postulados de Salles (2006, 2008), Willemart (1998), Panichi e Contani (2003) e Calil (2008).

Palavras-chave:

Crítica Genética. Produção textual. Bastidores da criação.

ABSTRACT

Every text is not born ready-made, nor it is the result of a single moment of inspiration. It is the result of a lot of work, polishing and back and forth. Demonstrating this process to students is an important factor in the teaching and learning process, as, in addition to highlighting that producing text means going through several stages until reaching the final version, it demystifies the text image as a product, a result of inspiration, and inherent to a few skilled in the art of writing. The methodological apparatuses of Genetic Criticism are tools that contribute to such elucidation and, in this work, they were associated with the universe of music to demonstrate the creation process. The aim, therefore, is to show 1st grade high school students the behind-the-scenes of the composition of a song by American singer Taylor Swift, in an initial text production class, with the aim of unveiling the production stages, thus revealing the myths involving textual production. The work is supported by the postulates of Salles (2006, 2008), Willemart (1998), Panichi and Contani (2003) and Calil (2008).

Keywords:

Genetic Criticism. Text production. Behind the scenes of creation.

1. Introdução

Comunicar-se por meio de textos é uma tarefa complexa, uma vez que são mobilizados diversos saberes para sua produção: conhecimentos linguísticos, textuais, enciclopédicos e interacionais (Cf. KOCH; ELIAS, 2012), todos determinados pelo contexto social, político, histórico e ideológico do indivíduo, para que assim haja a interação. Apoiado nos dizeres de Beaugrande, Marcuschi (2008, p. 72) afirma que o texto “é um evento comunicativo, para o qual concorrem aspectos lingüísticos, cognitivos, sociais e interacionais”. Não é por acaso que a raiz dessa palavra tem origem no latim, *textum*, que significa tecido, ou seja, o ato de elaborar um texto é como um ato de entrelaçar fios, tecer partes, para que assim se consiga um todo significativo.

O ato de escrever está presente no ambiente escolar, seja nas composições textuais em aulas de Língua Portuguesa e Produção de Texto, nas quais essa habilidade é amplamente trabalhada em suas diversas especificidades, mas também em todas as áreas do conhecimento que fazem uso da palavra, ou de uma linguagem como forma de registro. A escrita é aqui compreendida em consonância com os dizeres de Koch e Elias (2012) que afirmam não estar relacionada apenas à apropriação das regras da língua, tampouco ao pensamento e intenções do escritor, mas em relação à interação escritor-leitor, levando em conta as intenções daquele que faz uso da língua para atingir seus objetivos, sem desconsiderar que o leitor, com seus conhecimentos, é parte constitutiva desse processo.

Antes do momento de produção, propriamente dito, faz-se necessário elucidar para os alunos que produzir um texto é uma tarefa de muitas etapas e que o texto não nasce pronto, mas sim, é resultado de idas e vindas, lapidações e ajustes, até que se chegue em uma versão tida como final.

Partindo desse princípio, e nos pressupostos da Crítica Genética, este artigo tem como objetivo apresentar um trabalho realizado com os alunos da 1ª série do Ensino Médio sobre a gênese do texto, os bastidores da criação e o processo de produção, para que assim eles pudessem compreender que o texto não é somente resultado de inspiração, tampouco nasce pronto, mas sim, que existe todo um trabalho por trás da versão que chega a público. Para tanto, foi utilizado para fins de exemplificação, um vídeo que demonstra o processo de criação de uma música da cantora estadunidense Taylor Swift, bem como seu contraste com a versão final da música que ela apresentou em uma performance.

Dessa forma, eles poderiam perceber os ajustes, as alterações, inserções, e todo o caminho percorrido até que música fosse entregue ao público, processo que não é distante dos textos produzidos por eles em ambiente escolar, uma vez que a produção deles também passa por diversas etapas.

2. Crítica Genética: a gênese do texto e os bastidores da criação

A busca pela compreensão da gênese do texto, bem como o caminho percorrido até se chegar à versão entregue ao público, é do que se ocupa a Crítica Genética. Ela volta seu olhar para documentos de processo, que são as pistas deixadas por seu criador sobre a obra em questão, ou, de acordo com Grésillon (1991, p. 11), os “antetextos”, que para ela podem ser “notas documentárias, pesquisas, menções epistolares, notas de trabalho, roteiros, planos, resumos, primeiro esboço redacional, rascunhos elaborados, passagens a limpo, cópias, provas corrigidas”, justamente onde se encontra a consolidação da obra em seu devir. Willemart (1998, p. 31-2) argumenta que “os manuscritos, tanto quanto os croquis e outros prototextos, são os testemunhos dos processos de criação que nos ensinam bastantes coisas sobre o movimento do pensamento”.

É por meio da análise desses documentos que o crítico genético consegue fazer o caminho inverso da obra até chegar ao produto final, compreender seu trajeto, as decisões tomadas, desvelar o que não veio a público e, principalmente, desmistificar a ilusão de obra pronta, fonte de inspiração e acabada. A análise dos documentos de processo permite perceber que toda obra é concebida por meio de um trabalho contínuo de lapidação, que vai se moldando até chegar a uma versão tida como final.

Toda obra, antes de vir a público, passa por adaptações, modificações e versões. Esses registros materiais do texto em seu devir denotam, justamente, que o ato criador não é apenas um produto final e acabado, mas que passa por um processo.

Os documentos de processo podem ter os mais variados formatos e serem compostos das mais variadas linguagens. No processo de produção, o autor (aqui entendido no sentido mais amplo de autoria) pode se munir de registros verbais, visuais e sonoros. São fotografias, diagramas, recortes de jornais, revistas, músicas, mapas, gráficos, arquivos em áudio ou vídeo, enfim, toda sorte de recursos que podem ser utilizados na composição do texto. Sobre essa diversidade, Salles (2008) ainda diz:

Ao acompanhar diferentes processos, observa-se, na intimidade da criação, um contínuo movimento tradutório (tradução intersemiótica), ou seja, passagem de uma linguagem para outra. Há intervenções de diferentes linguagens, em momentos, papéis e aproveitamentos diversos. As linguagens que compõem esse tecido e as relações estabelecidas entre elas dão singularidade a cada processo. (SALLES, 2008, p. 44)

Ao manusear os documentos de processo, é possível ter acesso à complexidade do trabalho de criação e consegue-se perceber as nuances entre o que veio a público e o caminho percorrido pelo autor. Salles (2008, p. 39) afirma que esses documentos desempenham dois papéis ao longo do processo criador: o de “armazenamento e de experimentação”. Sobre o armazenamento, a autora salienta que o ato contribui com o percurso em direção à concretização da obra, visto que são recursos materiais dos quais quem está criando uma obra se vale para sua construção, podendo variar de um processo para outro que “mostram o acompanhamento metalinguístico do processo” (p. 40). Por outro lado, os registros de experimentação contribuem para o processo de criação da obra, deixando aparente “a natureza indutiva da criação” (p. 40).

É, portanto, por meio das análises desses documentos que é possível encontrar a obra em seu devir; perceber os caminhos e as decisões que foram tomadas no meio do trajeto, as escolhas feitas para o que permanece e o que sai de cena, as substituições, as adequações, as inserções, as ampliações e os cortes.

3. *O texto em sala de aula*

No que concerne ao estudo das interações humanas com/por meio da linguagem, Bakhtin (1997, p. 279) afirma que os homens se comunicam por meio de gêneros discursivos, que para ele são “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” constitutivos nas mais variadas e diversas esferas de comunicação da sociedade. Esses gêneros são, portanto, a materialização sob o formato de texto (oral ou escrito) da interação humana.

A Base Nacional Comum Curricular (2017) delimita que o ensino de Língua Portuguesa seja efetivado por meio de textos das mais diversas esferas sociais para o desenvolvimento crítico/analítico e de uso competente dos estudantes. O processo de ensino e aprendizagem se dá, dessa forma, por meio dos gêneros discursivos pelos quais o texto não deve ser tomado como pretexto para que se aborde apenas determinado conteúdo gramatical, morfológico ou fonético. Ele deve ser trabalhado em sua totalidade de análise/produção, o que não exclui uma abordagem conjunta de

elementos específicos do gênero em questão, desde aspectos discursivos de sua realização, aspectos de sua materialização discursiva, elementos de ordem composicional, até seus efeitos de sentido.

Em se tratando da produção textual em sala de aula, Calil (2008) afirma que os textos produzidos em ambiente escolar são os manuscritos escolares. Para o autor,

[...] todo e qualquer escrito mobilizado por uma demanda escolar, seja ele produzido à mão, à máquina ou no computador, seja ele escrito em folha avulsa, no livro didático, no caderno escolar de estudo de Língua Portuguesa, de Matemática, de Ciências, de Geografia, ou ainda uma breve nota, um bilhete, uma história inventada, um conto de fada reescrito, um poema copiado, as respostas a uma prova bimestral de Matemática, a uma questão de Ciências... Enfim, o *manuscrito escolar* é tudo aquilo que, relacionado diretamente não ao ensino de língua portuguesa escrita, o *scriptor* produz na sua condição de *aluno*. Em outra palavra, o manuscrito escolar é o *produto* de um processo escritural que tem a instituição escola como pano de fundo, como referência, como um cenário que contextualiza e situa o ato de escrever. (CALIL, 2008, p. 24-5)

O manuscrito escolar seria, portanto, todo texto produzido em ambiente escolar, produto de uma demanda dessa instituição na qual o seu escritor está condicionado à posição de aluno. Ele não é realizado somente nas aulas de Língua Portuguesa e Produção Textual, que têm o texto (gêneros discursivos) como foco e escopo, mas também em todas as outras áreas e disciplinas que fazem uso de um código ou de determinada linguagem como forma de registro.

É, portanto, uma tarefa a ser desenvolvida por um escritor na condição de aluno que dá origem aos manuscritos escolares – tomando aqui como pressuposto o sentido mais amplo da palavra escritor, como *aquela que escreve*, conforme prescreve Houaiss (2001, p. 1211). Seria, por conseguinte, nesse ambiente de produção de registros (textos) sob o caráter de tarefas a serem executadas, que a Crítica Genética encontra um campo fértil de atuação e pode trazer valiosas contribuições para o ambiente escolar, posto que é possível levar o aluno a perceber o texto como processo resultado de idas e vindas, ajustes, supressões, inserções e variadas alterações para que ele atinja de maneira eficiente o seu objetivo sócio-comunicativo.

4. *Uma aula com Taylor Swift: descortinado os bastidores da criação*

Inúmeras vezes, professores utilizam recursos como filmes, músicas, apresentações, *podcasts* para deixar as aulas mais dinâmicas, fugir das aulas expositivas e levar os alunos à compreensão de determinados conceitos. São maneiras de aproximar o conteúdo trabalhado à realidade do aluno e levá-los a percorrer o caminho de algum conhecimento de forma mais significativa.

Sob essa perspectiva, uma aula inicial de Produção Textual foi planejada e realizada em uma turma de 1ª série do Ensino Médio, tendo como foco demonstrar a gênese, os processos e os bastidores da produção de uma música, para que os alunos pudessem compreender que todo o texto é resultado de um processo, assim como as produções que eles realizam em sala de aula.

A artista escolhida foi a cantora/compositora estadunidense Taylor Swift, tendo em vista a relevância dela para o mundo musical e também por ser uma artista muito conhecida e ouvida por eles.

5. *Processo de criação de uma música de Taylor Swift e sua contribuição para a sala de aula*

Para desmistificar o mito de que o texto é fruto de inspiração e já nasce pronto, sem ser necessários ajustes e retoques, foi utilizado um dos vídeos que a cantora Taylor Swift, em parceria com a plataforma de *streaming Spotify*, gravou e disponibilizou no *Youtube*, mostrando o processo de criação das músicas do seu álbum *Reputation*, de 2017. A música escolhida foi “I did something bad”.

Antes de iniciar a exibição do vídeo, os alunos foram questionados sobre o conceito de texto, como ele é construído e se ele já nasce pronto. Após essa discussão, primeiro foi esclarecido aos alunos que todo texto surge de uma atividade de um enunciador, em determinada situação comunicativa, que busca se comunicar com o interlocutor. Também foi apresentada aos alunos a noção de texto que, segundo Beaugrande (1997 *apud*. MARCUSCHI, 2008, p. 72), “é um evento comunicativo, para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais”.

Após essa discussão, foi exibido o vídeo que mostrava o processo de criação da música. Assistindo ao vídeo, os alunos puderam perceber o passo a passo da produção que ocorreu da seguinte forma:

- Dia 1: Taylor Swift criando os arranjos da música no piano e a letra da música (há alterações dessa versão para a versão final). É possível perceber que a letra ainda não está completamente estruturada.
- 13 dias depois: mostra a cantora e sua equipe criando os arranjos da música no estúdio. A letra já aparece melhor estruturada, mas ainda será modificada para a versão final como será possível perceber no contraste dos vídeos de produção e versão final.
- Em seguida: a cantora e um músico fazendo alterações nos versos da música (voz e violão – ainda haverá alterações na versão final). Eles também discutem o tom que determinado trecho irá se encaixar (mais grave ou mais agudo).
- Logo após mostra a cantora e sua equipe criando os arranjos da música (parecendo um computador quebrado) e encaixando letra e arranjo.
- Ela teve uma ideia de som no meio da noite que gostaria de encaixar no arranjo da música. A cantora gravou o som com a boca usando o próprio celular. O som foi refeito no estúdio, mixado e encaixado no arranjo final da música.
- Por último, mostra a cantora e sua equipe fazendo ajustes na letra e inserindo versos já com o arranjo final da música quase pronto.

Realizada a análise do processo de produção da música, os próximos alunos ficaram interessados em assistir ao vídeo que mostrava a música finalizada, para assim contrastarem o processo com o resultado final. O vídeo de uma *performance* da música foi então exibido para os alunos, que puderam perceber as alterações que a letra da música sofreu ao longo do processo e como ficou o arranjo final da música.

Após esse momento de contraste, foi esclarecido aos alunos que o processo de produção textual que eles realizam em sala de aula não é diferente do processo de produção da música que eles assistiram, uma vez que todo texto passa por várias etapas em sua elaboração. Há a fase “inspiração” e de iluminação” por novas ideias; de “provisionamento” (PANICHI; CONTANI, 2003), que é o momento de instrumentalização, leituras e levantamento de materiais para a construção do texto; mas há, principalmente trabalho: idas e vindas e lapidação do texto até se chegar

em sua versão final, o que não é diferente do processo de produção de texto em sala de aula. É preciso partir de uma ideia, lapidar, ir e voltar, deixar o texto descansar e ir fazendo ajustes até se chegar na versão tida como final, entregue ao público.

Essa conscientização de texto como trabalho também contribui para “acalmar” os alunos no momento da produção, esclarecendo que eles não precisam de uma “iluminação” para produzir seus textos, tampouco dominar um código/variante utilizado apenas por grandes literatos. Há todo um processo de antes, durante e depois da produção que precisa ser levado em consideração e, principalmente, ser elucidado aos alunos, para que eles possam produzir de forma mais tranquila e consciente.

6. Considerações finais

O processo de produção textual é uma tarefa complexa, tanto para alunos, quanto para professores. Se de um lado temos o ponto de vista dos estudantes que precisam ser expostos à práticas significativas de produções textuais; do outro lado, temos o trabalho do professor que precisa cumprir várias etapas de um processo para que essa prática saia da mera informação e se consolide como conhecimento significativo na vivência dos alunos. Além disso, alunos e professores precisam lidar com os mitos que circundam essa prática, como: *produzir texto é muito difícil*; *tarefa para quem já nasceu com o dom de escrever*; *que precisa de muita criatividade (e inteligência)*; *de que precisa ter um domínio de língua excepcional*. Outro fator é o de ter que lidar com a folha em branco, o pânico de não saber por onde começar e a ansiedade de como estruturar um bom texto.

Essa aula de elucidação de que o texto é resultado de um processo, que todo o texto passa por idas e vindas, lapidações, ajustes, correções, supressões, adições e qualquer produção, feita por qualquer pessoa (inclusive por uma cantora de sucesso como Taylor Swift), passa por esse processo, contribui para acalmar os alunos nesse momento.

É importante conscientizá-los de que o texto também tem um tempo de maturação e que muito além de simplesmente criatividade, ou uma boa ideia, existe muito trabalho por trás de um texto. Outro fator relevante é que, em sala de aula, o processo de produção não é (precisa ser), necessariamente, um ato solitário, visto que o professor também pode ser (e deveria ser sempre) não apenas um mero corretor, mas sim um

coautor do texto, sugerindo ampliações, cortes, alterações e indagando o aluno sobre o seu escrito, colocando-se como colaborador e trabalhando em solidariedade com o aluno, e não apenas apontando os erros, julgando o escrito e atribuindo uma nota.

Levar os alunos a compreender de que existe na produção textual um antes (que é o momento de provisionamento), um durante (a construção do texto, propriamente dita) e um depois (momento de revisão, lapidação) contribui para que o aluno entenda o texto não apenas como um produto, mas sim, resultado de um processo e que, dessa forma, ele não nasce pronto, não é algo inerente a poucos que possuem o “dom da escrita”, tampouco é resultado de um grande momento de inspiração, ou, nas palavras defendidas por Umberto Eco “um texto se escreve com 90 por cento de transpiração e 10 por cento de inspiração”. Sendo assim, há muito trabalho nos bastidores de uma criação, e, assimilando essa ideia, os alunos podem produzir textos de forma mais tranquila, consciente e eficaz, sem todo o peso que, muitas vezes, uma produção textual tem sobre eles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Base Nacional Comum Curricular: língua portuguesa*. Brasília, 2017.
- CALIL, Eduardo. *Escutar o invisível: escritura & poesia na sala de aula*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.
- GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da Crítica Genética. Trad. de Isabel Rupaud. *Estudos avançados*, 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8593/10144>. Acesso 25 jul. 2023.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Grande dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PANICHI, Edina Regina Pugas; CONTANI, Miguel Luiz. *Pedro Nava e a construção do texto*. Londrina: Eduel; São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: construção da obra de arte*. 2. ed. Vinhedo: Horizonte, 2006.

_____. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.

WILLEMART, Philippe. Do manuscrito ao pensamento pela rasura. *Manuscritica*, n. 7. São Paulo, 1998. Disponível Em: <http://revistas.fflch.usp.br/manuscritica/article/view/880/797>.

Outras fontes:

TAYLOR SWIFT: I did something bad (making of). Big Machine Records: 2017. Youtube. (7: 59 min).

_____: I did something bad. Taylor Swift reputation Stadium Tour. Taylor Swift Productions: 2018. Netflix. (5: 56 min).